

SILVA, Leila Rodrigues da. Reflexões sobre a construção de um herói no discurso hagiográfico. O caso de Frutuoso de Braga na *Vita Sancti Fructuosi*. In: PINTO, Ana Paula; SILVA, João Amadeu Carvalho da, LOPES, Maria José; GONÇALVES, Miguel António (Orgs.). **Mitos e Heróis: A Expressão do Imaginário**. Braga: Aletheia, Publicações da Faculdade de Filosofia, UCP, 2012. p. 335-44.

FRUTUOSO DE BRAGA: UM HERÓI NA *VITA SANCTI FRUCTUOSI*

A partir de princípios do século V, a Igreja buscou, por meio diversos, adaptar-se à nova conjuntura ocidental. Com a desestruturação política do Império Romano e a chegada dos germanos, deparou-se com condições adversas. Na busca por superá-las, as autoridades eclesiais investiram em uma política de aproximação com os novos governantes dos reinos recém criados, visando, sobretudo, o apoio material necessário à manutenção do prestígio e influência que a instituição mantinha. Nesse processo, entre outras preocupações, as lideranças religiosas dedicaram especial atenção para a cristianização das populações ainda não convertidas, bem como procuraram garantir a influência sobre as áreas já cristianizadas.

Assim, no século VII, esta instituição experimentou um movimento interno de fortalecimento, ao qual se relacionaram a organização de concílios; a fundação de mosteiros; a criação de escolas, e a redação de um volume significativo de textos.

Reconhecendo o caráter edificante e moralizante da narrativa hagiográfica e sua vinculação ao conjunto de estratégias voltadas à cristianização, interessa aqui analisar a *Vita Sancti Fructuosi* (VF), redigida no reino visigodo, em fins do século VII, com ênfase na construção do perfil heróico do hagiografado, Frutuoso de Braga.

No momento coordeno dois projetos de pesquisa *Hagiografia, sociedade e poder: um estudo comparado da produção visigótica e castelhana medieval*, concebido em conjunto com a professora Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva, e financiado pela FAPERJ – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, e *A produção intelectual eclesial nos reinos germânicos: a consolidação da Igreja e a normalização da sociedade*, desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O trabalho ora apresentado, cuja primeira versão foi disponibilizada em evento acadêmico regional, associa-se, portanto, a uma das premissas norteadoras destes projetos, qual seja, a idéia de que os escritos produzidos nos reinos germânicos são fontes privilegiadas para o estudo da formulação e divulgação de normas de conduta, da religiosidade e das relações de poder que marcaram a sociedade medieval no período em questão.

As vidas de santos e os *topoi* hagiográficos

As obras hagiográficas compreendem diversos tipos de registros e suas origens remontam à época imperial, com as *Actas de martírio* e as *Paixões*. Deste conjunto, as *vidas de santos* são certamente os mais difundidos no período medieval. Nelas, em linhas gerais, predomina um relato edificante e moralizante com realce para a conduta irrepreensível dos santos.

Tais relatos se, por um lado, reproduzem um considerável conjunto de lugares-comuns, por outro, veiculam pormenores específicos da conjuntura em que foram produzidos. Os hagiógrafos não foram reféns incondicionais de sua época, já que as possibilidades de apreensão da realidade lhes permitiam interpretações particulares. Acreditamos que os diferentes contextos garantiram que os santos fossem identificados, como lembra o historiador Peter Brown (1971, p. 81), como produtos das sociedades em que surgiram. Assim, na análise dos textos hagiográficos devemos atentar para a interação de três referências: a existência de *topoi*, a inserção do hagiógrafo no contexto de produção da obra, mas também a sua relativa autonomia, o que proporciona a valorização de determinadas nuances do seu entorno em detrimento de outras.

De acordo com tal perspectiva, o valor histórico de algumas hagiografias é inquestionável, configurando-se, portanto, como fonte de informação, sobretudo de aspectos relativos às estruturas sociais e à organização das comunidades cristãs (Velázquez, 2005, p. 29). A trama na qual o santo se insere, via de regra, fala-nos muito mais do momento em que o documento foi produzido do que a primeira vista poderia parecer. Autores como Isabel Velázquez (2005) e Santiago Castellanos (1998, 2004) têm explorado em seus trabalhos esse viés,

valorizando as relações de poder instituídas na península durante a expansão do cristianismo na região.

A recorrência de determinados *topoi* em detrimento de outros também deve ser objeto de análise. Le Goff (1985, p. 25) lembra que o santo ao entrar em cena provocava certo tédio na audiência, já que detalhes da sua atuação, sob determinadas condições, poderiam ser antecipados. Na mesma direção, autores como Goullet (2004, p. 17-18), Vauchez (1989, p. 211-230) e Boesch Gajano (2003, p. 506-520) chamam atenção para alguns dos tópicos que são com frequência registrados, isoladamente ou não, nas vidas de santos. Assim, aos santos se associariam, entre outros aspectos, o nascimento anunciado como parte de um plano divino, a precocidade intelectual, a exibição de um largo conjunto de virtudes, o enfrentamento do demônio, o acometimento de injustiças, a realização de curas, a multiplicação de alimentos, a libertação de presos, a ocorrência de premonições, o desejo de uma vida solitária e contemplativa e o aviso acerca da proximidade da própria morte.

Apesar do reconhecimento de que há aspectos que se repetem em todos os textos hagiográficos, acreditamos que o hagiógrafo traça suas escolhas de modo a expressar os anseios, interesses e preocupações da conjuntura na qual se inseria e do lugar social que ocupava. Assim, antes mesmo de analisarmos a VF, sabíamos, evidentemente, que Frutuoso havia praticado milagres. As questões que mais nos interessavam, entretanto, dizia respeito a quais milagres havia realizado e por que. Em suma, desejamos verificar em quais circunstâncias o santo sobressai-se como herói e quais motivações teriam levado o escritor a sublinhá-las.

As virtudes, a superação das dificuldades e a construção do herói

Os primeiros santos estão identificados com o martírio, ou seja, segundo o discurso eclesiástico, alçam a este *status* por terem sofrido fisicamente ao dar seu testemunho de Cristo e lutarem até a morte na defesa do cristianismo (Isidoro de Sevilla, 1982, p. 677). Campeões da fé, mantêm-se como uma categoria prestigiada por toda a Idade Média. Dessa forma, embora as perseguições ocorridas no Império Romano não tenham se estendido até o período medieval, o “martírio” permanecia como um elemento típico da vida do santo. A atualidade do martírio no século VII foi garantida por Isidoro de Sevilha que, ao tratar dos mártires nas *Etimologias* (1982), determinou que o sofrimento experimentado nos anos das perseguições possuía equivalência na “virtude oculta do espírito”, identificada com a capacidade dos santos em resistir aos desejos carnis, mesmo sob instigação do diabo. De acordo com o bispo hispalense, existiriam duas classes de martírio: um de ordem material e outro espiritual. Este último diz respeito aos que resistiam aos ataques do demônio e se mostravam firmes diante dos desejos carnis. Por terem se sacrificado em honra de Deus, tais pessoas se converteriam em mártires em tempos de paz (1982, p. 677). Assim, o heroísmo dos primeiros tempos, marca dos mártires, transferia-se aos santos.

A semelhança entre o perfil dos santos e do herói da Antiguidade Clássica também decorre do fato de que ambos, entre outras funções, ocupavam o papel de mediadores entre o terreno e o divino. A essa dimensão do santo se associavam duas outras especialmente importantes que se interrelacionam: sua capacidade de realizar milagres, com ênfase nas curas, e seu perfil exemplar.

A *Vita Sancti Fructuosi* e o herói

Frutuoso, personagem histórica, viveu entre os anos de 610 e 665. Foi consagrado bispo de Dume e, pouco depois, de Braga, em 656 (Díaz y Díaz, 1968, p. 222). De sua atividade eclesiástica, sabe-se que fundou mosteiros, participou do X concílio de Toledo, correspondeu-se com autoridades destacadas do reino, como Bráulio de Saragoça (1975, p.163-167), e que compôs uma regra monástica e um conjunto normatizador para a comunidade de mosteiros, uma espécie de regra para os abades (1971, p. 137-162,172-211).

A *Vita Sancti Fructuosi* foi escrita em fins do século VII. Seu relato centra-se no ímpeto do santo em desenvolver a atividade monástica, por meio da fundação de cenóbios. Dos vinte capítulos que compõem a VF, apenas sete não se dedicam explicitamente a demonstrar seu empenho em garantir a criação de mosteiros, inclusive nas mais inacessíveis regiões (VF, 5; 9; 10; 11; 12; 13, e 17). Nesse sentido, a maior parte dos milagres presentes na obra se associa à preocupação de que tal vocação pudesse ser preservada (VF, 3; 7; 13, e 14).¹

A generosidade é a principal virtude imputada a Frutuoso. Mesmo que, como santo, desfrute *a priori* de um perfil moralmente ilibado, observa-se uma atenção especial a tal atributo na narrativa. Dessa forma, a sua bondade é constantemente lembrada em detrimento de outras virtudes necessárias para a superação de tentações como a da luxúria, da gula e da preguiça. Na verdade, não há na VF menções a episódios em que o santo tenha sido tentado pelos pecados da carne tradicionalmente mais temidos.²

Como em outras hagiografias, a santidade de Frutuoso vincula-se também à sua origem nobre (Certeau, 1982, p. 272-273). O santo, lembrado como membro de influente família do noroeste peninsular, é herdeiro de um grande patrimônio que, ao contrário do que desejavam seus familiares, é incorporado aos bens da Igreja. Sua riqueza, não lhe teria garantido, portanto, qualquer benefício pessoal.

Dessa forma, a santidade e o caráter heróico de Frutuoso foram construídos tendo como uma de suas referências o desprendimento quanto à comodidade que poderia usufruir. O santo é, pois, identificado com o ideal eremítico e com o desconforto e perigo que caracterizavam os lugares distantes e isolados que sempre buscava.³

Ao desinteresse pelo conforto, o autor da *Vita* associou a generosidade do santo, apresentada como motivação para a doação de seus bens,⁴ a despeito da oposição do marido de sua irmã. Este teria, nas palavras do hagiógrafo, “instigado pelo estímulo do antigo inimigo (demônio)(...)” (VF, 3, p. 85) conseguido, após apelar ao monarca, que sua parte na herança fosse reconhecida. Caberia assim a Frutuoso devolver-lhe o que fora utilizado para a construção do mosteiro de Compludo. Na seqüência do relato, após mencionar as orações realizadas pelo santo, o texto sublinha a intervenção divina que teria se manifestado, vingando Frutuoso, ao promover a morte do seu cunhado.

Esta não foi a primeira interferência divina a favor do santo. Ainda adolescente, mas já órfão e monge, Frutuoso teria sido injustamente retirado do quarto em que iria dormir no estabelecimento religioso recém ocupado por ele e seus companheiros. Resignado, recolheu-se a orar, até que “(...) um fogo decorrente da ira e furor do Senhor queimou o quarto (...)” (VF, 2, p. 83).

A atenção divina protagoniza ainda outro episódio em que o próprio Frutuoso é pessoalmente beneficiado. Ansioso por peregrinar ao Oriente, mas temeroso de que algum contratempo o detivesse, o santo preparou-se para a empreitada em segredo compartilhado apenas com alguns discípulos. Tendo sido traído, foi detido para ser levado no dia seguinte ao monarca a quem deveria justificar o interesse pela viagem.⁵ As portas de sua prisão, entretanto, embora tivessem sido trancadas, teriam amanhecido abertas para a surpresa de todos (VF, 17, p. 113).

A santidade de Frutuoso garante-lhe por fim o próprio proveito em mais uma oportunidade. Nesta, entretanto, diferentemente das situações anteriormente destacadas, o sucesso alcançado resultou da sua participação ativa e não mais da atuação divina à sua revelia. Confundido com um servo fugitivo por um aldeão que “por estímulo do Diabo” chegou a agredi-lo, Frutuoso, diante da manifestação explícita de que o agressor havia sido possuído pelo demônio, realiza o único exorcismo relatado na hagiografia (VF, 11, p. 99).

As adversidades com as quais Frutuoso se deparou foram superadas em prol não apenas do próprio santo, mas igualmente, como já anunciado, de todos os que o procuraram pleiteando algum tipo de auxílio. A disponibilidade do santo suscitou uma considerável diversidade de situações. Frutuoso atendeu não apenas aos anseios de seus companheiros mais próximos,⁶ mas também auxiliou um adversário e até mesmo um animal.

Em relação aos que o acompanhavam, em duas oportunidades envolvendo referências à fundação de mosteiros e à necessidade de travessias realizadas com barcos, Frutuoso lhes garantiu a integridade e a segurança. Na primeira oportunidade, ao final de um dia de trabalho, em local distante e inóspito, visando estabelecer os preparativos para uma construção monástica, o santo constatou juntamente com seus discípulos que não poderiam voltar para casa, já que sua embarcação havia sido “(...) arrastada pela ressaca e pelo “inimigo” (...)” (VF, 7, p. 91). O desfecho feliz compreende a decisão de Frutuoso, após orações, de lançar-se ao mar em busca do barco e seu bem sucedido retorno horas depois.

Na segunda ocasião, os marinheiros exaustos, após uma longa jornada, teriam se declarado impossibilitados de voltar, dadas as suas próprias condições físicas e a escuridão da noite que se aproximava. Frutuoso, após convencer-lhes de que deveriam dormir um pouco,

finalizou as orações que cumpria com seus companheiros, ao mesmo tempo em que, por meio de um milagre, providenciou para que o trajeto de retorno fosse realizado. Assim, quando os trabalhadores acordaram, todos já estavam de volta a lugar seguro (VF, 13, p. 103).

Ainda acerca das viagens e dificuldades delas decorrentes, não é demais lembrar, conforme o faz Bauzá (2007, p. 48), que tais elementos são recorrentes nas narrativas envolvendo os heróis da Antiguidade. A superação das condições impostas pela natureza marca o perfil destes heróis, como fizera Frutuoso, seja diante da violência das ondas, seja no enfrentamento das trevas.

Outro episódio chama-nos atenção por igualmente explicitar o empenho e o sucesso de Frutuoso ao prestar auxílio sem que para tal tenha precisado recorrer a milagres. Aqui nos referimos ao resgate de uma corça que estava prestes a ser morta por cães incitados por caçadores. “Sem esquecer o favor recebido (...)”, o pequeno veado passaria a partir de então a insistentemente acompanhar Frutuoso tornando-se uma espécie de animal de estimação do santo. Verificamos, pois, que se o heroísmo de Frutuoso destaca-se na ajuda prestada, tal condição não se restringe à possibilidade de realizar milagres, o santo pode atendê-la também no exercício da simples bondade.

Mas é associando bondade e capacidade de operar milagres que, ao tomar conhecimento de que o referido animal fora morto por um jovem estimulado pelo “antigo inimigo”, resolve perdoar e ajudar o malfeitor. Este, após matar a corça, teria sido acometido por intensa febre da qual só se conseguiu curar pela ação milagrosa de Frutuoso. O santo, depois de “implorar a misericórdia do Senhor”, garantiu não apenas a supressão do mal físico, mas também a purificação da alma do pecador (VF, 10, p. 97).

Conclusão:

O heroísmo inerente à figura do santo pode se manifestar de múltiplas formas nos relatos hagiográficos. Tendo como parâmetro as ponderações de Isidoro de Sevilha acerca da “virtude oculta do espírito”, Frutuoso, como herói, sobressai-se particularmente pela sua generosidade. Tal virtude lhe garante o total desprezo aos bens materiais e a promoção da vida monástica, já que suas riquezas puderam assegurar a construção de cenóbios.

Seu perfil heróico se expressa ainda na superação dos muitos obstáculos com os quais foi confrontado. Enfrenta e vence não apenas as suas próprias dificuldades, mas garante o atendimento de todos os pleitos dos que demandam seu auxílio. Nesta frente, destaca-se a sua bondade, mas ressalta-se especialmente a intervenção divina, revelada independentemente da vontade do santo ou por intermédio dele, na realização do milagre.

Em consonância com os *topoi* próprios do gênero, Frutuoso depara-se frequentemente com o demônio. O “inimigo”, mesmo não protagonizando os principais episódios em que o herói se exhibe, está presente na maior parte das vezes em que hagiografado se encontra em circunstâncias adversas. Sua existência, entretanto, não perturba efetivamente o santo que, em indiscutível posição de superioridade, precisou reagir diretamente à sua presença apenas em uma oportunidade. Nesta realiza o único exorcismo referido no texto, descrito de modo a realçar sua brevidade e eficiência.

A propósito dos lugares-comuns cabe por fim ressaltar que não ofuscaram as referências próprias ao contexto de produção do texto. Ou seja, as motivações do hagiógrafo ao escolher determinados milagres não devem ser esquecidas. O contexto monacal e a preocupação com a expansão das fundações cenobíticas revelam o comprometimento do autor com a atividade monástica. Assim, podemos observar que ao longo da trama se mesclam elementos recorrentes nos textos hagiográficos com aspectos próprios da conjuntura. Como exemplo de tal assertiva, podemos, entre outros, destacar os exemplos envolvendo embarcações e o caso em que a jovem Benedita é protegida. Em suma, mesmo os *topoi* foram adaptados à realidade, motivação do autor e conjuntura específica de produção da narrativa.

Referências:

- Bauzá, H. F. (2007). *El mito del héroe: morfología y semántica de la figura heroica*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- Boesch Gajano, Sofia. (2003). Uso y Abuso de los milagros en la cultura de la alta edad media. In: Little, L. K et Rosenwein, B.H. (Ed.). *La Edad Media a debate*. Madrid: Akal.

- BRAULIO, Epistolário, ed. L Riesco Terrero. *Epistolario de San Braulio: Introducción, edición crítica y traducción*. Sevilla: [s.n], 1975.
- Brown, P. R. L. (1971). The Rise and Function of the Holy Man in Late Antiquity. *The Journal of Roman Studies*, v. 61, p. 80-101.
- Cassien, Jean. (1965). *Institutions Cénobitiques*. Texte latin revu introduction, traduction et notes par Jean-Claude Guy. Paris: Du Cerf. (Sources Chrétiennes, 109). Liv. V-XII.
- Castellanos, Santiago. (1998). *Poder social, aristocracias y hombre santo en la Hispania Visigoda: La Vita Aemiliani de Braulio de Zaragoza*. Logroño: Universidad de La Rioja.
- _____. (2004). *La Hagiografía Visigoda: Dominio Social y Proyección Cultural*. Logroño: Fundación San Millán de la Cogolla.
- Certeau, Michel de. (1982). Uma variante: a edificação hagio-gráfica. In: *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária. p. 266-278.
- Codoñer, C. (1987). Sobre la *Vita Fructuosi*. In: Alberto de Cuenca et al (Coord.) *Athlon. Saturación gramática in honores Francisci R. Adrados*. Madrid: Gredos.
- Díaz y Díaz, Manuel C. (1951). Sobre la Compilación Hagiográfica de Valerio del Bierzo. *Hispania Sacra*, n. 4, p. 3-25.
- Díaz y Díaz, M. C. (1968). Notas para una cronología de Frutuoso de Braga. *Bracara Augusta*, Braga, v. 21, p. 215-223.
- Gouillet, Monique. (2004). Introduction: saints et hagiographie. In: WAGNER, Anne. *Les saints et l'histoire. Sources hagiographiques du haut moyen Âge*. Paris: Bréal.
- Isidoro de Sevilla. (1982). *Etimologías*. Edición bilingüe preparada por Jose Oroz Reta y Manuel-A. Marcos Casquero. Introducción general por Manuel C. Díaz y Díaz. Madrid: BAC. 2v.
- Le Goff, Jacques. (1985). O maravilhoso no Ocidente Medieval. In: _____. *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: Edições 70. p. 19-37.
- López Quiroga, Jorge. (2002). Actividad Monástica y acción política en Frutuoso de Braga. *Hispania Sacra*, n. 109, p. 7-22.
- Reglas monásticas de la España visigoda*. (1971). Introducciones, versión y notas de Julio Campos Ruiz e Ismael Roca Melia. Madrid: BAC. p. 137-162; 172-211.
- Vauchez, André. (1989). O Santo. Le Goff, J. (Dir.) *O Homem Medieval*. Lisboa: Presença.
- Velázquez, Isabel. (2005). *Hagiografía y culto a los santos en la Hispania visigoda: aproximación a sus manifestaciones literarias*. Mérida: Museo Nacional Romano, Asociación de Amigos del Museo. Fundación de Estudios Romanos.
- Vita Fructuosi*. (1974). Estúdio y edición crítica Manuel C. Díaz y Díaz. Braga, 1974.

¹ A autoria da obra foi inicialmente atribuída a Valério de Bierzo. Hoje, sabe-se que não foi escrito por ele e que o texto resulta da ação de mais de um hagiógrafo, em um processo que resultou de interpolações e fusões ao longo do século VII. (Codoñer, 1987, p. 183-190; Díaz y Díaz, 1951, p. 3-25).

² Para uma visão geral dos principais vícios destacados no âmbito da vida monástica, Cassien, 1965, Liv. V-XII.

³ “(...) com los pies descalzos se internaba em lugares boscosos, llenos de malezas, ásperas y escabrosos, empleando el tiempo por cuevas y roquedos em ayunos tres veces mayores y en velas y oración multiplicadas.” (VF, 4, p. 87).

⁴ Conforme destacado em mais de uma oportunidade: “(...) arrojadas lejos de sí todas la vanidades del mundo distribuyó entre las iglesias, sus libertos y los pobres todo el capital de su espléndido

patrimônio (...).” (VF, 8, p. 93). “(...) construyo el cenóbio de Compluto y sin reservarse nada para si (...), ofrendando allí hasta el último céntimo de su propiedad, lo dotó abundantísimamente (...)” (VF, 3, p. 85).

⁵ Possivelmente, as restrições impostas pelo rei à referida viagem se relacionam às hostilidades existentes entre as facções nobiliárquicas visigodas das quais, em posições antagônicas, o monarca e Frutuoso faziam parte. (López Quiroga, 2002, p. 18).

⁶ Atendendo a solicitações de ajuda, observa-se também a atenção conferida para Benedita, jovem de família influente que teria fugido de casa para se livrar de um casamento. Benedita, após receber abrigo junto a Frutuoso, dedicou-se, com seu auxílio, a fundar um mosteiro feminino (VSF, 15).